

Os Wari'

Maurício Soares Leite

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITE, MS. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. ISBN 978-85-7541-137-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

População

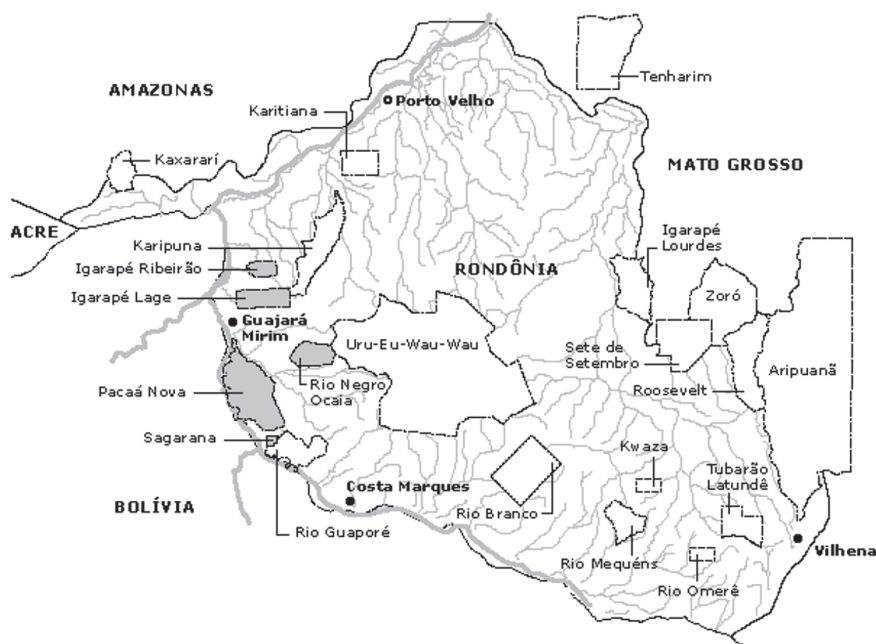
Os Wari' pertencem à família lingüística Txapakura (Rodrigues, 1986) e, totalizando hoje cerca de 2.700 indivíduos, constituem o grupo indígena mais numeroso do estado de Rondônia. Encontram-se distribuídos em quatro Terras Indígenas (Pacaás Novos, Rio Negro-Ocaia, Lage e Ribeirão) administradas pela Fundação Nacional do Índio (Funai), além de uma colônia agrícola (Sagarana), mantida pela Diocese de Guajará-Mirim (Figura 1 e Tabela 1).

São também conhecidos como Pakaas Novos, Pacaás Novos, Paca Nova, Pakaa Nova, Pakaanóva⁵ ou, ainda, Wari'. Este último termo, uma expressão txapakura, não constitui uma autodenominação, "mas um classificador amplo que define os seres humanos, wari', em oposição aos não-humanos (animais, inimigos, etc.)" (Vilaça, 1992:11). Isto é, seu uso é essencialmente relacional. Como preferiam ser chamados desse modo pelos brancos, esta será a denominação que adotarei daqui por diante.

Os Wari' compreendem oito subgrupos: os Oro Waram, Oro Nao', Oro At, Oro Eo, Oro Waram Xijein, Oro Jowin, Oro Mon e Oro Kao' Oro Waji (Conklin, 1989; Meireles, 1986; Vilaça, 1992). Os diversos subgrupos mantêm relações entre si, e os matrimônios com frequência envolvem indivíduos pertencentes a grupos distintos. Embora apresentando uma certa unidade cultural e lingüística, há entre eles diferenças em maior ou menor grau em ambos os aspectos, o que inclui mitos e tradições orais, artesanato, repertório musical e dialeto (Conklin, 2001).

Conklin (2001) apresenta-os divididos geograficamente em três regiões, ao longo dos afluentes da margem direita do rio Mamoré, na década de 50: ao norte, na área dos rios Ribeirão e Lage, estariam os Oro Waram Xijein, os Oro Mon e os Oro Waram; mais ao sul, próximos aos rios Ouro Preto, Negro e Ocaia, estariam os Oro Nao', Oro At e Oro Eo. Um terceiro grupo teria se formado no início do século XX, quando famílias Oro Nao', Oro At e Oro Eo atravessaram o rio Pacaás Novos, estabelecendo-se nas áreas próximas ao igarapé Dois Irmãos e ao rio Novo, afluentes da margem esquerda do Pacaás Novos. É deste grupo que se origina a população de Santo André.

Figura 1 – Terras Indígenas de Rondônia



Fonte: Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia (Cesir).

Ambiente físico

A região ocupada pelos Wari' na década de 50 estendia-se, no sentido leste-oeste, da serra dos Pacaás Novos até o rio Mamoré; no sentido norte-sul, dos rios Ribeirão e Mutum-Paraná até o médio rio Pacaás Novos e o rio Novo (Conklin, 2001). A despeito da presença da serra dos Pacaás Novos, a região apresenta um relevo suave, com altitude média em torno de 150 m acima do nível do mar. A vegetação predominante na região é a de floresta, onde sobressaem árvores altas (15-20 m) de troncos finos e onde observam-se espécies comuns às áreas de terra firme, estas de maior porte. Ocorrem também áreas de mata alagáveis (Kuhlman, 1977). O clima da região apresenta uma divisão bem marcada em duas estações, uma úmida e a outra seca. A primeira vai aproximadamente de outubro a abril e concentra a maior parte das chuvas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro; a segunda vai de maio a setembro e apresenta precipitações drasticamente inferiores. A temperatura média anual fica em torno de 24°C, com temperaturas máximas em torno de 38°C e mínimas ao redor de 12°C. As maiores variações de temperatura acontecem no ciclo diário, e não nas médias diárias observadas ao longo do ano (Nimer, 1977). No que se refere ao acesso às aldeias,

as áreas atualmente demarcadas encontram-se divididas entre as de acesso por via fluvial (T.I. Pacaás Novos, T.I. Negro-Ocaia, Sagarana) e as que são alcançadas por via terrestre (T.I. Lage e T.I. Ribeirão). Estas últimas encontram-se distantes dos principais cursos d'água e estão mais próximas dos centros urbanos. Uma consequência da alocação dos postos indígenas nessas áreas por parte da Funai parece ser uma limitação ainda maior do acesso a fontes alimentares ricas em proteínas (Inesc/Peti-MN/Anai-BA, 1995).

Tabela 1 – População nas Terras Indígenas (T.I.) wari', segundo aldeia e sexo. Guajará-Mirim, Rondônia, junho de 2004

Aldeia	Total masculino	Total feminino	Total
T.I. Ribeirão			
Ribeirão	127	107	234
T.I. Lage			
Lage	144	129	273
Lage Velho	58	60	118
Linha 10	39	35	74
Linha 14	4	1	5
Limão	2	3	5
Kassupá	8	4	12
T.I. Pacaás Novos			
Quatorze	5	6	11
Pitop	17	10	27
Graças a Deus	20	13	33
Capoeirinha	38	26	64
Cajueiro	21	17	38
Tanajura	96	79	175
Santo André	165	153	318
Bom Futuro	32	32	64
Deolinda	47	43	90
Sotério	180	164	344
T.I. Rio Negro-Ocaia			
Panxirop	20	21	41
Barracão	27	24	51
Pedreira	14	11	25
Piranha	22	24	46
Rio Negro-Ocaia	211	213	424
Sagarana	137	132	269
Total	1.434	1.307	2.741

Fonte: Pólo-Base de Guajará-Mirim.

Um pouco da história wari'

A história wari' já foi descrita em detalhe por von Graeve (1989) e por Meireles (1986), que inclui em sua dissertação de mestrado uma revisão dos registros acerca dos povos Txapakura em geral. Além destas obras, uma fonte particularmente rica sobre sua trajetória pode ser encontrada na tese de doutorado de Vilaça (1996a), que analisa a dinâmica identidade/alteridade no pensamento wari'. A análise da autora envolve ricas descrições, feitas pelos próprios Wari', de seus encontros com os colonizadores, as quais oferecem uma visão alternativa e complementar às fontes documentais sobre a história recente do grupo. A presente revisão representa, portanto, uma breve seleção das informações compiladas por esses autores. Se em alguns momentos ela se estende, é em razão da riqueza dos dados apresentados, que julgo adequado apresentar ao leitor.

A trajetória histórica recente dos Wari' encontra-se intimamente ligada à exploração da borracha na região amazônica, iniciada ainda no século XIX e intensificada por ocasião da Segunda Guerra Mundial. No entanto, os primeiros registros de sua presença na região datam de pelo menos um século antes: Ricardo Franco, em 1790, situa os "Pacaas-Novos no Igarapé D'este nome" do lado direito do rio Mamoré (Serra, 1857 apud Meireles, 1986: 72). Até o início do século XX, contudo, os relatos de sucessivas expedições não voltam a registrar sua presença, mesmo em áreas provavelmente percorridas pelo grupo (von Graeve, 1989). Um fato que impressiona na história wari', portanto, é a escassez de registros relativos ao grupo, ou seja, a capacidade de eles se manterem isolados por tanto tempo, a despeito da presença de colonizadores na região. Para Conklin (1989), isto se deve ao fato de deliberadamente evitarem o contato com outras populações, além de tradicionalmente viverem junto a pequenos cursos d'água, distantes das principais vias fluviais. Estes teriam sido fatores determinantes para a sobrevivência do grupo, enquanto diversos outros povos da região foram extintos ou tiveram suas populações drasticamente reduzidas no mesmo período. De certo modo, essa estratégia reduzia a mortalidade resultante não apenas dos conflitos diretos, mas também do contato com doenças infecciosas introduzidas, de caráter epidêmico. Ainda assim, os Wari' experimentaram uma drástica depopulação. Embora não seja possível precisar a magnitude da mortalidade, já que os subgrupos contatados no processo de 'pacificação' já haviam sido afetados pelas perdas decorrentes tanto dos conflitos como das doenças, algumas estimativas apontam para uma redução populacional de 60% (Conklin, 1989; Meireles, 1986; von Graeve, 1989).

À medida que o contato com os brancos não pode mais ser evitado – sendo mesmo desejado, segundo Vilaça (1996a) –, outro tipo de comportamento característico dos Wari' mostrou-se prejudicial à sua sobrevivência: quando eram acometidos por doenças, dificilmente permaneciam junto aos postos, seguindo

para a floresta. Isso possibilitava a introdução e a disseminação das doenças infecciosas entre seus companheiros, assim como acontecia quando entravam em contato com seringueiros, diretamente ou por meio de seus utensílios e alimentos (Vilaça, 1996a). Além disso, há evidências na literatura de que, na ocorrência de epidemias de doenças infecciosas, o acesso a cuidados médicos básicos nos postos resultava em taxas de mortalidade visivelmente inferiores (Coimbra Jr., 1987), o que permite supor, nessas ocasiões, maiores perdas populacionais entre aqueles que partiam, justamente pela tentativa de isolamento. Vilaça (1996a) indica maior mortalidade, na região do rio Negro, entre os Oro Eo e os Oro At, que fugiram para a floresta e assim não tiveram acesso aos medicamentos trazidos pelos brancos, enquanto os Oro Nao', que foram medicados, pereceram em menor número.

Embora a região viesse sendo gradativamente ocupada por seringueiros durante a segunda metade do século XIX, é a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que acaba por colocar em contato brancos e Wari'. Iniciada em 1905, a ferrovia ligaria Santo Antônio do Madeira a Guajará-Mirim, superando as quedas d'água que impediam o transporte fluvial no trecho. Fazia parte do acordo diplomático segundo o qual a Bolívia cedia ao Brasil as terras correspondentes ao atual estado do Acre. O trajeto da ferrovia passava pelo território percorrido pelos Wari', junto aos rios Ribeirão e Lage. O primeiro registro sobre o grupo nessa época teria acontecido em 1910, quando algumas crianças teriam sido capturadas e levadas a Porto Velho (von Graeve, 1989). Ironicamente, a construção da ferrovia acaba em 1911, justamente quando o látex começa a ser produzido em plantações na Malásia e no Ceilão e os preços do produto e a sua exploração na floresta tornam-se cada vez menos vantajosos (Meireles, 1986; Vilaça, 1996a). A penetração no território wari', no entanto, já havia sido bastante intensa, e aparentemente recuaria a partir daquele momento. Vilaça (1996a) estima, com base em relatos de seus informantes, que o alto rio Ocaia (na atual T.I. Negro-Ocaia) já teria sido alcançado por volta de 1915.

Von Graeve (1989) cita diversas fontes que revelam conflitos durante as décadas seguintes, a despeito do esvaziamento dos seringais. Com a Segunda Guerra Mundial e o fim das exportações asiáticas de látex, ocorre a revalorização da borracha no mercado internacional. Uma nova onda migratória chega à região, e tem lugar o acirramento dos conflitos, com ataques de parte a parte. O revide dos seringalistas, no entanto, era geralmente dirigido às aldeias, com a organização de expedições punitivas que resultavam em verdadeiros massacres, com o uso mesmo de metralhadoras. Os dados de Vilaça (1996a) mostram diversas expedições dessa natureza, amplamente conhecidas pela população e justificadas na imprensa local. As matérias publicadas caracterizavam os índios como assassinos sanguinários, que covardemente perseguiam aqueles que tentavam sobreviver de seu trabalho na selva.

A criação, a partir de 1940, de postos de atração para a pacificação dos grupos que atacavam a ferrovia e os novos moradores da região não chegou, entretanto, a resolver o problema. Segundo Meireles (1986), diversos postos foram fundados, deslocados e posteriormente desativados, sem que seus objetivos fossem alcançados. O estabelecimento de contato permanente com os diversos subgrupos se dá na segunda metade da década de 50, com a participação não somente de agentes do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), mas de diferentes instituições religiosas (Conklin, 1989; Meireles, 1986; Vilaça, 1996a). Embora o primeiro contato pacífico tenha oficialmente acontecido em 1956, no posto dr. Tanajura (na margem esquerda do rio Pacaás Novos), ainda se registraram numerosos conflitos e massacres de índios ao longo dos anos seguintes, até que o último grupo arredio foi 'pacificado' em 1969.

Houve trajetórias distintas para cada subgrupo, já que nem todos desejavam a aproximação com os brancos. O subgrupo Oro Nao', que tomou a iniciativa de fazer contato pacífico com o posto Tanajura, foi o mediador do contato com os demais subgrupos, nos anos seguintes. Com relação a esses eventos, gostaria de mencionar alguns dados de Vilaça (1996a) que parecem particularmente enriquecedores por irem além da história documental. Para a autora, a natureza dos contatos e mesmo a frequência com que ocorriam foram em grande parte determinadas pelas atitudes dos Wari' em relação aos brancos, algo que variou significativamente ao longo do período. As histórias de contato de outros povos indígenas no país também registram mudanças de comportamentos diante dos colonizadores, com o acirramento ou o fim das hostilidades partindo dos próprios índios. As motivações envolviam, então, o desejo de bens, alimentos ou proteção, como no caso dos Kayapó e dos Xavante (Lopes da Silva, 1992; Turner, 1992). O caráter distintivo do caso wari', segundo a autora, reside justamente nas motivações subjacentes a esses comportamentos, de caráter antes sociológico que material.

Com base em entrevistas realizadas com os indivíduos mais velhos de diversas comunidades, Vilaça identifica, em relação aos brancos, atitudes bastante distintas e que foram determinantes na trajetória de contato do grupo: inicialmente, a hostilidade que marcou os encontros no princípio do século XX, mesmo quando os recém-chegados apresentavam um comportamento evidentemente pacífico. Os Wari', portanto, não estavam simplesmente respondendo a agressões anteriores. Segundo seus informantes, naquele momento desejavam a guerra, desejavam ter inimigos. Havia já algum tempo que seus inimigos tradicionais, os Uru-Eu-Wau-Wau e os Karipuna, haviam sido afastados pela presença dos colonizadores na região, impedindo os conflitos ou, visto por outro prisma, o tipo de relação que mantinham com esses grupos.

Uma mudança na atitude dos Wari' em relação aos brancos acontece algumas décadas mais tarde e especificamente em um de seus subgrupos, os Oro

Nao', os quais ficaram isolados na margem esquerda do rio Pacaás Novos (exatamente o grupo que hoje ocupa, entre outras aldeias, a de Santo André). Nesse segundo momento, os Wari' desejavam 'gente para si', isto é, queriam o contato com os brancos. Mas tratava-se agora de outro tipo de contato, de outro tipo de relação. Isolados dos demais subgrupos e mesmo de parte dos Oro Nao' há mais de três décadas, os Wari' ressentiam-se da ausência não daqueles que classificavam como 'inimigo', já que os conflitos com os seringueiros na região eram cada vez mais comuns; em lugar disso, desejavam ter os brancos como 'estrangeiros', categoria em que encaixavam outros subgrupos Wari' com quem mantinham relações regulares, periodicamente ritualizadas em festas intergrupais. Assim, não apenas buscaram o contato com os brancos, mas com o auxílio destes foram ao encontro dos demais subgrupos, de quem haviam sido separados desde as primeiras décadas do século.

Procurados com hostilidade em um momento (encarados, portanto, como 'inimigos') e pacificamente em outro (agora vistos como 'estrangeiros'), os brancos vinham ocupar 'lacunas sociológicas' que o processo de contato havia ocasionado, com a separação e a desarticulação dos grupos. Nas palavras de Vilaça, nesse segundo momento "o movimento dos Wari' em direção aos Brancos foi, antes de tudo, um movimento em direção à sociedade wari', à vida social, que foi desorganizada e mesmo interrompida com a invasão dos Brancos" (Vilaça, 1996a: 348). O que parecia estar em jogo em ambos os casos, portanto, era o estabelecimento de relações que marcavam a identidade do grupo, em contraste com a alteridade representada, em graus diferentes, por aqueles que classificavam como 'estrangeiros' e 'inimigos'.

Embora o primeiro contato pacífico entre ambas as partes tenha oficialmente ocorrido na década de 50, os anos seguintes ainda foram bastante conturbados. Como já mencionado, os conflitos seguiram ocorrendo até o final da década de 60. E mesmo após o fim dos massacres, a sobrevivência do grupo permanecia ameaçada pela invasão de suas terras, em alguns casos com o apoio de instituições governamentais. Conforme Meireles (1986) indica, em meados da década de 70 o Banco do Brasil financiava projetos de extração de látex dentro das terras indígenas, ignorando a existência dos postos. Segundo a autora, na época a área do posto Pakaas Novos (nome então dado à 'reserva') estava tão invadida que dificultava a sobrevivência da população indígena, a qual competia com os invasores pelos mesmos recursos. De fato, a regularização da situação fundiária das áreas wari' só começou a acontecer quase vinte anos após os primeiros contatos pacíficos, com a delimitação das áreas do Lage, Ribeirão e Negro-Ocaia em 1975. A homologação da T.I. Pacaás Novos, com uma superfície de 279.906 hectares, só teria lugar em 1991.

Os Wari' de Santo André

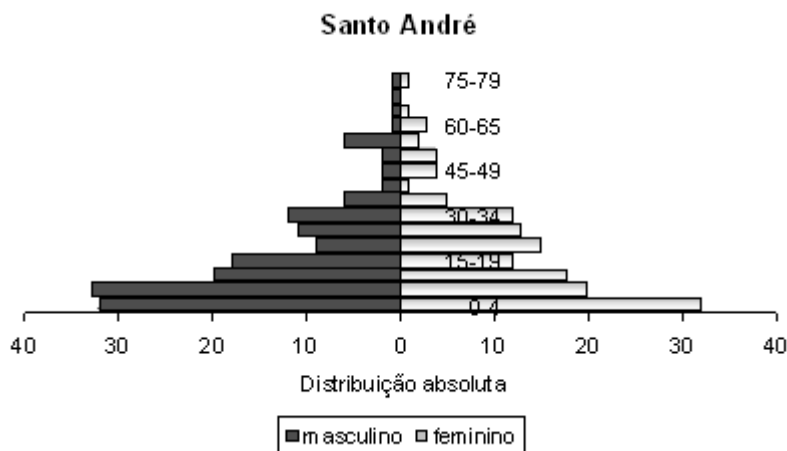
A aldeia de Santo André, onde se localiza o posto indígena homônimo, encontra-se na margem esquerda do rio Pacaás Novos, na T.I. Pacaás Novos. O acesso à aldeia é feito durante todo o ano por via fluvial, a partir da cidade de Guajará-Mirim. O tempo de trajeto pode variar significativamente, segundo o tipo de embarcação utilizada e ainda de acordo com as condições de navegabilidade do rio, o que significa que a viagem pode durar de duas a mais de dez horas.

A população de Santo André haveria chegado à região vindo das áreas dos rios Ouro Preto e Negro, tendo atravessado o rio Pacaás Novos ainda nas primeiras décadas do século XX (Conklin, 2001; Vilaça, 1996a). A partir daí, com o aumento do número de seringueiros na região, o constante fluxo de embarcações no rio Pacaás Novos teria impedido o seu retorno, o que determinou que o grupo ficasse separado dos demais subgrupos wari' e mesmo do restante dos Oro Nao' até a década de 50, quando fez contato com o posto de atração dr. Tanajura. Na época do contato, as aldeias conhecidas pelo SPI nessa margem do Pacaás Novos estavam localizadas na região do igarapé Dois Irmãos e próximo ao posto, em um local conhecido por eles como Pitop. Segundo Meireles, em 1969 o posto dr. Tanajura passa a chamar-se Pakaas-Novos, e em 1978 as populações de Pitop e Dois Irmãos são deslocadas: a primeira para junto do posto, e a segunda para o local onde hoje está situada a aldeia de Santo André. Ali foi criado, um ano depois, o posto indígena Santo André (Meireles, 1986).

Atualmente a comunidade dispõe, para uso coletivo, de um barco de alumínio com motor de popa (30 HP) e uma grande chata de madeira. O primeiro é utilizado principalmente para o transporte de pacientes que não podem ser atendidos na enfermaria da aldeia, e ainda para o deslocamento de professores e agentes de saúde até Guajará-Mirim; a chata é utilizada para o transporte de farinha, castanha-do-pará, estacas (madeira para cercas de fazendas, compradas aos Wari' por fazendeiros locais) e de pessoas. Há ainda diversos barcos menores, de propriedade particular de alguns indivíduos. Até pouco tempo estava em uso uma segunda chata, que no entanto alagou e afundou no porto da aldeia antes do fim de 2003, sem que houvesse perspectivas de recuperação da embarcação.

Na época de minha primeira viagem a campo, em outubro-dezembro de 2002, a aldeia contava com uma população de trezentos habitantes.⁶ A pirâmide etária da população de Santo André (Figura 2) caracteriza-se por uma base larga e ápice estreito, típica de populações com elevadas taxas de natalidade e mortalidade. Mais da metade dos indivíduos (51,7%) encontra-se abaixo dos 15 anos. Por outro lado, o contingente populacional com idades superiores a quarenta anos é bastante reduzido, perfil compatível com a história de contato do grupo e com a ocorrência de epidemias e elevadas taxas de mortalidade durante o processo.

Figura 2 – Pirâmide etária da população de Santo André, T.I. Pacaás Novos, Rondônia, dezembro de 2002



Fonte: Centro de Estudos de Saúde do Índio de Rondônia (Cesir).

A 'razão de dependência'⁷ (proporção entre o número de indivíduos com idades abaixo de 15 anos e acima de 65 para cada cem indivíduos entre 15 e 64 anos) é igual a 114,3 (Tabela 2). O grupo de menores de 15 anos é o maior responsável por esse componente, dado o pequeno número de indivíduos com idades acima de 65 anos (apenas cinco indivíduos, o equivalente a 1,7% da população total).

Tabela 2 – Razão de dependência da população de Santo André. T.I. Pacaás Novos, Rondônia, dezembro de 2002

Grupo etário	Razão de dependência
Jovens (0-14 anos)	110,7
Idosos (65 anos e +)	3,6
Total	114,3

Fonte: Pólo-Base de Guajará-Mirim.

A população apresenta uma razão de sexo (por cem mulheres) igual a 109,8 (Tabela 3). O diferencial entre os sexos é particularmente notável na faixa entre 5 e 9 anos de idade, quando o contingente masculino é 65% maior que o feminino. Nas demais faixas etárias as diferenças são menos significativas, nem sempre ocorrendo no mesmo sentido. Trata-se, no entanto, de uma população numericamente reduzida, com relação à qual pequenas oscilações absolutas podem assumir maior magnitude em termos percentuais.

Tabela 3 – Razão de sexos (por cem mulheres) da população de Santo André, segundo faixas etárias. T.I. Pacaás Novos, Rondônia, dezembro de 2002

Grupo etário	Razão de sexos
0-4 anos	100,0
5-9 anos	165,0
10-19 anos	126,7
20-39 anos	84,4
40-59 anos	109,1
60 anos e +	80,0
Total	109,8*

* número de homens para cada cem mulheres.

Em dezembro de 2002 a população de Santo André distribuía-se por 47 residências, estando a maior parte delas (44) localizada junto ao posto indígena, e as restantes situadas a cerca de três quilômetros da aldeia principal, em um local conhecido como *Ma na wet*. Um casal de professores e seus filhos viviam na escola, assim como uma terceira professora, ainda solteira. Os três – todos Wari’ – pertenciam originalmente a outras aldeias e foram para Santo André para trabalhar na escola. Algumas famílias mantinham ainda casas junto a roças mais distantes, e alternavam seu tempo entre estas e a aldeia principal. A média de habitantes por domicílio era igual a 6,25, variando entre 2 e 14 indivíduos. As casas encontram-se distribuídas ao longo da margem do rio Pacaás Novos, localizando-se a uma distância máxima de cerca de cem metros do curso d’água.

De modo geral, as casas são hoje construídas da mesma forma que aquelas das populações rurais da região e não mais do modo tradicional, quando contavam tão-somente com uma cobertura em uma ‘água’ e com um assoalho, elevado do solo. Agora, as casas possuem formato retangular, com telhado em duas ‘águas’, e geralmente quatro paredes. Há, eventualmente, residências com apenas uma, duas ou três paredes. São comumente constituídas por um único cômodo, onde os Wari’ dormem juntos, sobre esteiras ou cobertas, e sob mosquiteiros. São raros os móveis, embora algumas casas possuam mesas, camas e prateleiras. Apresentam um assoalho elevado a cerca de meio metro do solo, geralmente feito da casca de paxiúba (*horop* ou *iram*, açáí), assim como as paredes. Na parte da frente de praticamente todas as casas o assoalho estende-se para além das paredes, ficando ainda sob a cobertura de palha e formando, assim, uma espécie de varanda. Os Wari’ geralmente fazem ali suas refeições, recebem suas visitas e descansam quando não estão trabalhando. É também onde as mulheres passam parte significativa de seu tempo, costurando ou fazendo cestos. A cobertura das casas é

feita com palha de *kaxima* (babaçu) ou de *ton xikwa* (inajá). Algumas casas contam com telhas de amianto, e outras com paredes e/ou assoalhos de tábuas.

A aldeia conta, em termos de infra-estrutura, com um conjunto de construções em alvenaria e madeira, além das habitações da população propriamente dita: uma casa do chefe de posto, onde funciona o rádio; uma edificação constituída pela farmácia e pela enfermaria. Há, ainda, duas escolas, uma antiga e ainda em uso e outra recém-construída (durante o segundo semestre de 2003), mas ainda não inaugurada quando se encerraram as atividades de campo do presente estudo; e um 'chapéu de palha', construção de alvenaria e madeira e coberta de palha, onde a comunidade eventualmente organiza reuniões para a discussão de problemas de seu interesse e onde existe uma televisão de uso coletivo. Junto à casa do chefe de posto, o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) mantém uma estação de telecomunicações, como de resto em diversas outras aldeias indígenas por toda a região amazônica.

Em Santo André existe ainda um 'forno' destinado à torração da farinha de mandioca, utilizado essencialmente durante a estação seca, quando a produção concentra-se na aldeia. Como durante o processo as raízes ficam de molho em água por três ou quatro dias e na estação seca os igarapés situados junto às roças encontram-se geralmente secos, os tubérculos precisam ser trazidos para a aldeia principal, onde são colocados de molho nas águas do rio Pacaás Novos. Durante a estação de chuvas, outras 'casas de farinha', localizadas próximas a roças mais distantes, são utilizadas, pois os igarapés estão cheios e permitem o processamento do tubérculo próximo aos locais onde são colhidos. Em duas delas há motores movidos a gasolina, utilizados para ralar a mandioca quando há combustível. Há ainda uma residência construída e ocupada pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil e uma igreja onde os cultos evangélicos são celebrados semanalmente. A aldeia conta com um gerador de eletricidade movido a óleo *diesel*, utilizado – quando há combustível – à noite, e um sistema de distribuição bastante precário permite que praticamente todos os domicílios recebam energia elétrica.

Em termos de saneamento básico, as condições são indiscutivelmente precárias. Um motor movido a gasolina bombeia água de um poço do tipo 'amazonas' para uma caixa-d'água e, a partir dela, a água é distribuída para diversas torneiras em toda a aldeia (mais especificamente, quatro delas). A água, no entanto, não recebe qualquer tipo de tratamento, embora alguns domicílios disponham de filtros de argila. Cheguei a presenciar o envio de hipoclorito de sódio pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa) para a sua adição à água, mas o produto permaneceu na farmácia do posto sem ser utilizado.

O funcionamento da bomba depende da disponibilidade de combustível e é, portanto, bastante irregular. Este aspecto encontra um agravante no fato de o motor ser acionado por apenas um ou dois indivíduos na aldeia; assim, mesmo

quando existe combustível, há invariavelmente um lapso de tempo entre o esgotamento da água da caixa e o novo acionamento da bomba, durante o qual a água do rio Pacaás Novos é utilizada pelos domicílios. O mau estado da rede de distribuição, com permanentes vazamentos, acelera o esvaziamento da caixa e torna esse procedimento inevitavelmente freqüente. Além disso, no auge da estação seca o poço pode ficar sem água durante longos períodos, e então mais uma vez a água do rio é a única alternativa disponível.

No que se refere ao destino dos dejetos, por toda a aldeia encontram-se latrinas protegidas por paredes e telhado, efetivamente utilizadas pela população, o que pode estar reduzindo significativamente a contaminação fecal do solo. A existência de tais construções não chega, no entanto, a impedir a proliferação de moscas sobre as fezes, o que contribui para a veiculação de microorganismos por esses insetos e, conseqüentemente, para a contaminação de alimentos e utensílios de cozinha. Além disso, a presença de matéria fecal no solo e no rio Pacaás Novos é favorecida pela presença constante de galinhas, patos e cães no peridomicílio, além de burros e cavalos, que circulam livremente pela aldeia durante a noite. Como a aldeia situa-se às margens do rio, as chuvas carregam esse material para o curso d'água. Além disso, algumas cabeças de gado bovino são criadas pelos Wari' a algumas centenas de metros rio acima, havendo inclusive um curral a poucos metros da margem.

Quanto ao lixo, é geralmente queimado ou enterrado próximo às casas, principalmente no caso de latas e vidros. No entanto, não é incomum que esses resíduos sejam encontrados a céu aberto. Nas águas do rio Pacaás Novos com freqüência podem ser encontrados sacos plásticos, garrafas de refrigerantes e de óleo para motores de dois tempos, este utilizado em motores de popa. É preocupante observar, como descrito nos capítulos que se seguem, uma tendência de consumo crescente de alimentos e produtos industrializados, por sua vez associada à produção de quantidades progressivamente maiores de lixo não-biodegradável. Pilhas para lanternas e rádios, largamente utilizadas pela população, têm como destino o enterramento ou o abandono a céu aberto, como quaisquer outros itens. O uso de telefones celulares só agora começa a se disseminar entre os Wari', encontrando-se aparentemente ainda restrito a professores e agentes de saúde, que têm acesso a uma remuneração regular. Pode-se prever, contudo, que num futuro não muito distante as baterias desses aparelhos serão igualmente dispensadas no ambiente. Não surpreendentemente, os Wari' não se mostram preocupados com o volume ou o tipo de lixo que produzem. O que parece acontecer é que, embora busquem enterrar ou queimar ao menos parte do lixo produzido, sua atitude diante dele segue compatível com o tipo de resíduo produzido antes do contato com não-índios, isto é, biodegradável. Agora, com resíduos de outra natureza, o que se afigura é uma progressiva contaminação de seu ambiente pelo lixo de origem

industrial. O problema é ainda agravado pelo caráter permanente da aldeia de Santo André (característica comum também às demais aldeias wari'). A situação apresenta uma perspectiva preocupante a médio e longo prazos, portanto precisa ser contemplada nas políticas de atenção à saúde destinadas ao grupo.

As áreas utilizadas para o cultivo encontram-se a alguma distância da aldeia de Santo André, o que foge ao padrão tradicional de assentamento e de certo modo dificulta a subsistência do grupo (esse ponto será abordado em detalhes em outras seções do livro). Atualmente, as roças distribuem-se por diversos locais dentro da T.I., alguns de cultivo tradicional e outros de utilização recente. A partir do posto, duas estradas de terra levam a pontos distintos da região do igarapé Dois Irmãos, a dez e a 12 quilômetros de distância, onde localizavam-se as antigas roças wari'. Ao longo de um desses caminhos, a cerca de três quilômetros do posto, fica um local conhecido pelos Wari' como *Ma na wet* (é interessante observar que o nome significa literalmente 'tem *wet*', sendo *wet* esta uma espécie de árvore indicadora de bons solos para o cultivo), uma área cultivada apenas recentemente e dedicada principalmente ao cultivo da mandioca-brava e da macaxeira. A maior parte das famílias de Santo André mantém roças nessa localidade, onde existe ainda um forno para a produção de farinha de mandioca. No entanto, segundo os Wari', os solos mais apropriados para o cultivo encontram-se nas proximidades do igarapé Dois Irmãos. O caminho até as roças é feito a pé, de bicicleta ou ainda de carroça. O trajeto a pé até a região do igarapé Dois Irmãos dura pelo menos duas horas, o que permite supor o que significa, em termos de trabalho adicional, manter uma roça nessa região e residir junto ao posto. Como já mencionado, algumas famílias mantêm uma segunda residência nessa região, o que minimiza o problema. De todo modo, a produção precisa ser escoada até Santo André.

Estudos realizados

No que se refere aos estudos realizados entre os Wari', pode-se afirmar que há um número significativo de trabalhos disponíveis, o que envolve tanto etnografias, realizadas já desde a década de 60, como investigações acerca de suas condições de saúde. Ainda na década de 60, Mason (1977) dedicou-se à análise da estrutura social Oro Nao', tendo realizado seu trabalho de campo em 1968 e 1969, próximo ao posto indígena dr. Tanajura.

Von Graeve (1989) desenvolveu, no início da década de 70, um estudo sobre o grupo que vivia na colônia agrícola de Sagarana, sob a administração da Diocese Católica de Guajará-Mirim, centrando sua atenção em um contexto de relações interétnicas que envolvia, localmente, os Wari', os religiosos e o restante da população regional. A dissertação de Meireles (1986) é uma etnografia clássica

sobre o grupo, incluindo aspectos que vão desde a história até a cosmologia e a organização social do grupo.

A etnomedicina foi abordada por Conklin (1989, 1994). Sua tese de doutorado (Conklin, 1989) foi elaborada com base em um extenso trabalho de campo em diversas comunidades wari'. O trabalho apresenta uma riqueza etnográfica ímpar e constitui uma leitura obrigatória para aqueles interessados não apenas na etnomedicina wari', mas também em tudo o mais que se torna necessário saber para quem pretende compreendê-la: idéias sobre corporalidade, trânsito de substâncias e uma socialidade que relaciona não apenas homens, como também os outros seres que compõem o universo wari'. A pesquisa compreende aspectos como a estrutura social, as estratégias de subsistência e a experiência com doenças e morte antes e após o contato, aprofundando-se porém na análise das relações entre corpo, saúde, doença e morte.

Mais recentemente, a autora publicou *Consuming Grief: compassionate cannibalism in an Amazonian society* (Conklin, 2001), livro que aborda especificamente o canibalismo funerário wari', analisando-o na perspectiva wari'. A obra privilegia a idéia de compaixão pelo morto e de como a prática do canibalismo encaixa-se em um elaborado processo de luto e que simultaneamente separa e relaciona vivos e mortos.

As representações tradicionais de saúde e doença foram também objeto da atenção de Novaes (1996), que em sua dissertação de mestrado aborda o pluralismo médico no grupo e apresenta uma importante contribuição no que se refere à análise da atuação dos serviços de saúde entre os Wari', em um momento anterior à implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs).

Vilaça (1989) dedicou-se, em sua dissertação de mestrado (publicada ainda como livro, *Comendo como Gente*), ao endo e ao exocanibalismo entre os Wari', incluindo em sua análise diversos aspectos relacionados a essas práticas, como cosmologia, guerra, xamanismo, parentesco e organização social. Estes temas foram ainda objeto da atenção de várias publicações da autora (Vilaça, 1996b, 1998, 2000, 2002). Em sua tese de doutorado (Vilaça, 1996a), publicada recentemente como livro (Vilaça, 2006), ela aborda questões de identidade e alteridade, particularmente manifestas no processo de 'pacificação' e nas relações estabelecidas com os diversos agentes envolvidos no contato – seringueiros, funcionários do SPI, missionários católicos e protestantes. O trabalho oferece uma visão particularmente rica dos movimentos de afastamento e aproximação entre os Wari' e os brancos, na ótica dos primeiros.

Os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil vêm estudando a língua wari' desde a década de 50, tendo como principal objetivo a tradução de trechos da *Bíblia* e a conversão da população ao cristianismo. Seus estudos em lingüística resultaram na publicação do livro *Wari: the Pacaas Novos language of Western*

Brazil (Everett & Kern, 1997), tendo como autores Daniel Everett, lingüista da University of Pittsburgh, e Barbara Kern, da Missão Novas Tribos do Brasil, que trabalha com os Wari' desde a década de 60.

Além dos trabalhos de cunho antropológico, as condições de saúde do grupo vêm sendo abordadas em uma série de pesquisas, desde a segunda metade da década de 90. Alguns dos principais achados desses trabalhos serão apresentados mais adiante, com o objetivo de situar o leitor no panorama que se delineia com base nos dados disponíveis. Um primeiro levantamento das condições de saúde do grupo foi feito em 1997, tendo sido seus resultados divulgados sob a forma de relatório no ano seguinte (Escobar & Coimbra Jr., 1998). Desde então, alguns dos principais problemas de saúde que afligem os Wari' têm sido investigados em pesquisas específicas. A epidemiologia da tuberculose foi abordada por Escobar (2001) em sua tese de doutorado e em publicações subseqüentes (Escobar, Coimbra Jr. & Camacho, 2001a, 2001b, 2001c). A malária, assim como a tuberculose, é endêmica na região e foi abordada por Sá (2003), que realizou trabalho de campo na T.I. Pacaás Novos, em pesquisa de mestrado. As infecções intestinais entre as populações indígenas de Rondônia foram objeto da atenção de Haverroth, Escobar e Coimbra Jr. (2003). Em sua tese de doutorado (Haverroth, 2004), baseada em trabalho de campo realizado nas T.I. Lage e Ribeirão, o autor dedica-se à análise do caso wari', buscando articular as perspectivas antropológica e epidemiológica na abordagem do tema. O risco ocasionado pela contaminação ambiental por mercúrio na bacia do rio Madeira foi ainda objeto da pesquisa de Santos e Coimbra Jr. (2003), que efetuaram levantamentos nas diversas T.I. wari'.

Condições de saúde

No que se refere às condições de saúde da população, são escassas as publicações, o que reflete a precariedade dos sistemas de coleta de informações sobre morbimortalidade entre populações indígenas no Brasil. Informações relevantes, em termos de práticas e representações sobre saúde e doença, podem ser obtidas com base em algumas das etnografias em antropologia médica (Conklin, 1989; Novaes, 1996). Análises de dados epidemiológicos sobre o grupo contemplaram, inicialmente, os perfis de morbidade e mortalidade da população, juntamente com uma análise dos serviços de saúde prestados a ela (Escobar & Coimbra Jr., 1998). O trabalho representa um esforço no sentido de superar a escassez de dados epidemiológicos para este segmento da população brasileira e apresenta um panorama da atual situação de saúde dos Wari'. Posteriormente, foram objeto de estudo a epidemiologia da tuberculose (Escobar, Coimbra Jr. & Camacho, 2001a, 2001b, 2001c; e a da malária (Sá, 2003).

Os trabalhos apresentam um perfil de saúde da população caracterizado pelo predomínio das doenças infecciosas e parasitárias. A tuberculose e a malária, embora representem problemas de magnitudes distintas segundo a T.I., são endêmicas entre a população (Escobar, Coimbra Jr. & Camacho, 2001a, 2001b, 2001c; Sá, 2003). Escobar (2001) mostra uma taxa de incidência de tuberculose incrivelmente mais elevada (2.042,8 por cem mil habitantes) que aquelas registradas em âmbito nacional (51,3 por cem mil habitantes) e no estado de Rondônia (56,6), no ano de 1998. Com cerca de 30% da população indígena do estado de Rondônia, o município de Guajará-Mirim concentrava na época cerca de 50% dos casos de tuberculose notificados. A autora assinala, entretanto, que a melhor estruturação, no município, dos serviços de saúde que atendem às populações indígenas poderia resultar em menos casos de subnotificação e abandono do tratamento, o que aumenta o contraste com os números registrados em outras regiões. Os dados relativos ao ano de 1997 (Escobar & Coimbra Jr., 1998) revelam, no caso da malária, um comportamento bastante diverso segundo a T.I., o que indica a existência de condições ambientais igualmente distintas de uma região para outra. Assim, Lage, Tanajura e Ribeirão apresentavam os maiores índices parasitários anuais (superiores a trezentos por mil habitantes), enquanto os mais baixos eram registrados no Sotério e em Deolinda (com índices inferiores a 15 por mil habitantes). A proporção de lâminas positivas para o *Plasmodium falciparum* era também muito elevada para os padrões regionais, ficando em torno de 45%.

Nesse mesmo relatório, os autores apontam para as infecções respiratórias e as diarreias como as principais causas de internação. O papel das infecções intestinais entre as populações de Rondônia é ainda confirmado em relatório mais recente, que aborda especificamente o tema (Haverroth, Escobar & Coimbra Jr., 2003). Analisando os dados disponíveis para o período 1995-2001, o estudo encontra grande variação na proporção de casos de diarreia dentro do quadro de morbidade ao longo do período, mas geralmente correspondendo a 30-40% dos registros. Para o período 1998-2001, quando havia disponibilidade de dados por faixa etária, fica evidente a vulnerabilidade dos menores de cinco anos, que respondiam por mais de 50% dos casos.

As doenças crônicas não-transmissíveis, no entanto, parecem representar um problema de pequena magnitude, registrando-se raros casos de *diabetes mellitus* e hipertensão arterial. Esse conjunto de dados é compatível com os registros de perfis nutricionais em que sobressaem as elevadas taxas de desnutrição infantil e nos quais os casos de obesidade são virtualmente ausentes (ver capítulo 5, "Perfil nutricional", e Escobar et al., 2003).

Recentemente, uma pesquisa apontou para o risco de exposição à contaminação ambiental por mercúrio entre os Wari' (Santos et al., 2003). Em 1997 os autores identificaram, em amostras de cabelo, níveis médios de mercúrio

compatíveis com uma exposição elevada ao mercúrio. As médias observadas variaram segundo a T.I., sendo as mais baixas encontradas nas T.I. Lage e Ribeirão e a mais elevada na T.I. Rio Negro-Ocaia. Os achados sugerem o consumo de peixes como fator de risco para a exposição ao metal, já que a região encontra-se sob a influência da atividade de garimpo na bacia do rio Madeira e o pescado faz parte dos hábitos alimentares da população. As baixas concentrações encontradas nas T.I. Lage e Ribeirão, não situadas às margens de cursos d'água e com um consumo de peixes presumivelmente menor, são apontadas como evidência dessa hipótese.

A análise de dados mais recentes sobre mortalidade na população wari' (Tabela 4), referentes ao período 1995-2002 (dados secundários, obtidos em 2003 na Casa do Índio de Guajará-Mirim), mostra um quadro bastante semelhante àquele inicialmente descrito por Escobar & Coimbra Jr. (1998), mas com algumas diferenças significativas. Os registros referentes a indivíduos de outras etnias não foram computados. No que se refere à mortalidade proporcional, mais da metade dos óbitos (54,3%) no período aconteceram entre os menores de cinco anos, enquanto os maiores de cinquenta anos foram responsáveis por 26,1% dos registros. Ao mesmo tempo que esse perfil parece refletir a precariedade das condições de saúde da população, atingindo majoritariamente as crianças, não se deve desprezar o papel do reduzido contingente populacional com idades superiores a cinquenta anos, conseqüência das elevadas taxas de mortalidade na época dos primeiros contatos do grupo com os brancos.

Os coeficientes de mortalidade infantil, apresentados na Tabela 4, apresentam grandes variações no período, como já seria esperado na análise de uma população numericamente reduzida. Não se pode desconsiderar, ainda, a existência de problemas de registro, tanto de nascimentos como de óbitos. Assim, os coeficientes variam de 11,6 a 71,4 óbitos por mil nascidos vivos, o que corresponde a uma taxa de 50,4 óbitos para cada mil nascidos vivos no período 1995-2002. Os mais baixos coeficientes foram registrados nos anos de 2001 e 2002. Embora não se possa descartar uma possível tendência de redução das taxas, quaisquer especulações devem ser vistas com extrema cautela, diante das significativas flutuações observadas ao longo desses anos. O Coeficiente de Mortalidade Infantil (CFI) do período 1995-2002, assinala-se, é bastante superior àquele registrado em âmbito nacional para o ano de 2002, de 25,06 óbitos por mil nascidos vivos (Datusus, 2005).

Tabela 4 – Nascidos vivos, óbitos e coeficientes de mortalidade infantil, segundo o local e o ano, na população Wari'. Guajará-Mirim, Rondônia, 1995-2002

Local	Ano							
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Lage	15	14	19	16	22	24	16	23
Tanajura	11	13	11	10	17	9	14	9
Santo André	15	10	13	22	6	15	18	9
Rio Negro-Ocaia	17	23	19	18	21	20	30	22
Ribeirão	7	11	11	10	6	12	10	3
Deolinda	2	3	3	3	3	2	5	2
Sotério	8	15	13	11	19	9	15	10
Sagarana	1	9	6	11	5	9	11	8
Total de nascimentos	76	98	95	101	99	100	119	86
Total de óbitos em menores de um ano	5	7	5	6	6	6	3	1
CMI	65,79	71,43	52,63	59,40	60,60	60,00	25,21	11,62

Fonte: Pólo-base de Guajará-Mirim, 2003.

Notas

- ⁵ Esta grafia é proposta por Rodrigues (1986) e amplamente utilizada na literatura.
- ⁶ Dados de julho de 2004 apresentam 322 habitantes (fonte: Pólo-Base de Guajará-Mirim, 2004).
- ⁷ No caso de populações indígenas, contudo, vale assinalar que, embora útil para a descrição da estrutura etária da população, esse indicador não reflete exatamente a proporção de indivíduos dependentes do ponto de vista econômico, já que grande parte dos indivíduos com idades abaixo de 15 anos e acima de 65 participa ativamente de atividades economicamente produtivas.